

ENCRUZILHANDO POTÊNCIAS E MODOS DE EXISTÊNCIA: BACO EXU DO BLUES E O SEU DOM DE PIRRAÇAR

Gabriel Reis Santos Alves¹
Moises Oliveira Alves²
Acácia Angélica Monteiro³

RESUMO

Este trabalho consiste em analisar as produções artísticas do cantor, compositor, *rapper* e poeta contemporâneo brasileiro Baco Exu do Blues, apontando a potência de suas obras para com um novo modo de produção de arte elaborada através do ato de reexistir. Evidenciando em suas produções a proposta de novos modos de vida pautados na pirraça, propondo micropolíticas para emergir existências alheias às convencionais. Tal inquirição tem por objetivo ressaltar a força discursiva destas produções e as articulações políticas, sociais e artísticas contidas nelas. Para a construção desta pesquisa fez-se preciso a análise das obras, para em diálogo teórico promover discussões acerca dos temas abordados nas produções e nas movimentações político-sociais que sua arte desenvolve.

Palavras-chave: Arte; Existências; Micropolítica; Pirraça; Produção.

1 INTRODUÇÃO

Laróyé Exu!

Peço licença ao dono dos caminhos para falar de sua potência trazida pela arte de Baco Exu do *Blues*, que usa tal nome para instalar-se junto às outras duas forças que também lhe conferem identidade. Diego Álvaro Ferreira Moncorvo se apropria das forças de Baco, o deus da embriaguez e do desejo, de Exu, o orixá que guarda todos os caminhos e do *Blues*, que transforma a dor do negro estadunidense em música. Estas três forças dançam e coabitam nas formas como Baco Exu do *Blues* propõe suas produções artísticas e as realiza.

Baco procura produzir sua arte através do diverso e do inexplorado procurando perpassar caminhos de produção que rocem e causem novas sensibilidades e óticas acerca do que se pode ser explorado com a agregação diversa da sua maneira de fazer Arte. A pirraça é um dos seus dons mais aguçados, é a partir dela que é possível

¹ Licenciado em Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge).

² Doutor e Mestre em LITERATURA E CULTURA pela UFBA, Licenciado em pela UFBA.

³ Mestra em Gestão e Tecnologia aplicadas à Educação pela UNEB, Especialista em Arte e Educação pela Faculdade São Luís de França-SE, Licenciada em Língua Portuguesa e Artes pela UNISAM e Bacharel em Canto pela UFBA.

mostrar-se ao outro através da diferença em que se vive, pois a reexistência está para mais do que nunca, no ato de existir e permanecer em presença com os demais.

A pirraça se dá na prática da vida através do intuito de discordar, traçando o ato de viver para além dos sistemas que procuram padronizar os corpos sociais. Pirraçar trata-se de superar os domínios que oprimem identidades subalternizadas mediante a ação deles, utilizando micropolíticas cotidianas para que a convivência com estes sistemas de controle social transcenda as submissões impostas por elas, projetando possibilidades alternativas aos indivíduos, fazendo com que mesmo entre estas conjunturas de opressão, eles sejam capazes de cultivar modos próprios de vida.

A pirraça propõe que para além da instauração entre os modos de existência já estabelecidos na sociedade, se tenha a quebra dos padrões determinados e a instigação dos corpos excluídos por estes mecanismos, para que o subalterno possa instaurar seu próprio modo de vida e contribua para o enfraquecimento das conjunturas sociais excludentes.

Essas propostas buscam contrariar as injunções instauradas pelos aparelhos de controle social, para isso são desempenhadas micropolíticas que rompem os princípios que modelam os corpos, a partir de atitudes que fujam de tais modelos, buscando a partir de atuações e posicionamentos políticos de “vidas esquivas”, também gerar modos de existência que similarmente entre os estabelecimentos já postos, promovam discursos que debilitem as formatações sociais.

Desse modo, Baco nos transmite possibilidades frente aos tradicionalismos dos sistemas que precarizam os corpos subalternos, viabilizando escapes e rotas que através da arte dá-se intrepidez à vida sem a menor distinção, procurando desenvolver a vida pela arte, através do ato de ocupar.

Sendo assim, de que forma se pode criar reexistência através da pirraça instalada pelas instaurações que são feitas em prol de novos modos de vida?

Baco se instaura e convida às mais variadas instaurações, através de sua arte nos é proposto uma vida para além do que já é posto ou engaiolado, viver faz-se a partir de atos artísticos que alargam o vigor da vida, que para qualquer tipo de repressão propõe-se uma nova perspectiva voltada a um modo de existência que se esquive dos padrões sociais.

2 A DANÇA DA PIRRAÇA

Figura 1 – Capa da faixa 1 – Intro [part. KL Jay] – Álbum “EXÚ”



Fonte: INTRO..., 2017.

Com unhas pintadas de vermelho e suas roupas esgaçadas, rasgadas e sujas não se sabe de onde surgiu essa mulher. Aspirando um prazer visível nas feições produzidas pelo seu rosto, ela dança no meio de uma multidão de seus semelhantes, que se parecem pela transgressividade de suas roupas e pelas cores dos seus corpos que em tons diversos colorem esse momento com o prazer da alegria, exalando a completude de suas presenças, pois estar ali, para além de tudo, torna-se um ato de pirraça.

Sob as nuances de sua pele retinta flagramos em seu rosto a mais pura satisfação, um deboche que se despreocupa com qualquer outro vínculo que não a esteja acompanhando, ela goza e seus gestuais nos revelam o intenso poder do desejo vivido e realizado ali, não se pode fazer nada para tirá-la, pirraçar é a sua especialidade.

Não importam as roupas ou quaisquer outras intervenções que lhe neguem o direito, valia e merecimento de estar ali para impor sua presença, ser vista e coabitar, estabelecendo para si e para os outros a potência de seu corpo neste lugar que a ela pertence. Fazendo valer uma presença erguida por um desejo de estar pelo prazer de vida que propicia ao corpo o movimento.

A fotografia de Mario Cravo Neto (2000) encontrada no livro *Laróyé*, dentre outras imagens que na perspectiva proposta pelo fotógrafo buscam captar a mitologia dos orixás, apresenta a presença de Exu e a sua preponderância nas pessoas e nos

lugares através de uma poética transgressiva de corpos livres, neste caso pela liberdade do carnaval, procurando nos êxtases de corpos em prazer as forças do orixá que assim como o carnaval explora o múltiplo e o incensurável.

Baco Exu do *Blues*, movido por uma estética de reverência ao orixá Exu, abre seu segundo disco, o *ESÚ* (BACO..., 2017), com tal fotografia, trazendo através das imagens que ilustram o seu disco percepções que se correlacionam aos discursos que ali estão presentes nas suas obras e em específico no seu álbum número dois pelo agenciamento de um mutirão, sendo a força dos caminhos de Exu trazidas pela sua produção como uma proposta de novas estradas dialógicas e concepções de arte.

A busca pelas identidades, sonoridades, liberdades e modos de viver em Exu, são explorados pelas artes que se dissipam nas obras de Baco, seguindo caminhos diversos e encruzilhando a diversidade produtiva em prol de novos modos de expressão, que se propiciam ao experimentalismo e a troca dos multiversos de arte, que coabitam e transitam em diferentes graus e lugares de instância.

Tal busca pelas liberdades de expressão particulares e generalizadas, e pela não padronização ou canonização de uma específica forma de fazer arte gera aos corpos consumidores dessas obras um amplo olhar para com o ato de existir e de buscar formas de vida, que por serem alheias ao convencional tornam-se menores ou menos prestigiadas, sendo necessária pirraçar o suficiente para que aquela nova proposta de existência se estabeleça, dispensando contraposições ou permissões, promovendo um modo de viver atribuído pelo impulso do desejo.

Pode-se observar estas novas propostas de produções artísticas em muitas das obras de Baco, como na música chamada “*Intro [part. KL Jay]*”, a primeira faixa do álbum *ESÚ* (BACO..., 2017), onde a presença de diálogos diversos se cruza dando origem a uma sonoridade polifônica. Logo de início, é apresentado na música um *sample* com um trecho da primeira faixa do álbum “*Obaluayê*” (1957), com a participação da orquestra afro-brasileira, onde o radialista e poeta brasileiro Paulo Roberto introduz as canções do disco narrando com a marcação dos “r”(s) vibrantes, dicção característica dos radialista da “Era da Rádio”, usando a força expressiva dos ecos das palavras, fenômeno da ecolalia, sobre a influência de pulsações e ritmos afro-brasileiros, atribuindo uma simulação das batidas do coração:

Este ritmo binário, **nário**
Que é o alicerce principal de quase todos ritmos
Da canção popular do Brasil, Brasil
Veio importado de longe

Das placas ardentes da África, **África**
 Onde o sol queimou a pele dos homens
 Até carbonizá-la em negro, **negro, negro**
 O compasso tão simples que reproduz em tom grave
 As batidas do próprio coração
 Atravessou o atlântico sob a bandeira dos navios negreiros
 Servindo para marcar o andamento de melopeias
 Que vinham dos porões em vozes **gemidas e magoadas...**
 (INTRO..., 2017)

Este *sample* é seguido pelo poema de Baco (INTRO..., 2017), que entre *beats* e cânticos iorubás, com frases melodicamente cíclicas cantadas ao fundo por vozes femininas, Baco recita fervorosamente seus versos, como uma dicção contemporânea e contrastante às vozes agudas de fundo e a forma de uso da fonética do radialista na citação da “Intro” da música. Sua performance exala uma ferocidade através do *enjambement*, onde o efeito das palavras corridas transmite, pela intensividade da voz forte do *Rapper*, uma agressividade, defendendo uma verdade produzida pela arte:

[...] Somos argila do divino manguê
 Suor e sangue, carne e agonia
 Sangue quente, noite fria
 A matéria é escrava do ser livre
 A questão não é se estamos vivos, é quem vive
 Capitães de areia não sentem medo de nada e essa altura do enredo
 A Asa Branca dança no lago do Cisne Negro
 Pretos de terno sem ser no emprego
 Meus pretos de terno em festas que não sejam enterros
 Meu fim é doloso, Jovem preso em espírito idoso
 Medroso, me joga no mar, aquário de Iemanjá
 O sol nasce no Rio Vermelho
 Me olho no espelho embriagado [...]
 (INTRO..., 2017)

No poema, Baco procura apresentar-se enquanto corpo, “Exu”, permeado pelas encruzilhadas que permitem a arte do encontro. Tanto na sonoridade polifônica e contrapontada quanto na força da palavra cantada, busca-se uma trajetória que expresse a negação da divisão das coisas, onde a “Asa branca” possa dançar no “Lago dos cisnes”, trazendo a possibilidade do real através do poema.

As obras de Baco buscam alargar as perspectivas sobre os corpos e modos de existências considerados marginais pela sociedade, que por não se encaixarem em formatos tradicionais para se viver, são invalidados e excluídos. Pode-se tomar, por exemplo, destes modos de vida não aceitos pelas instituições sociais, religiosas, familiares, culturais e as demais, que buscam reger os corpos através de seus princípios e propósitos, as comunidades hippies as quais foram originadas durante os anos 60, com o objetivo de contestar os sistemas de poder militaristas e capitalistas,

através da proposta de um novo modo de existência que não contribuísse para com estas conjunturas conservadoras.

É a partir do descortinar desses modos de existência que Baco quebra o conformismo para com a produção de saberes de mundo e científicas, que são permeadas pela hegemonia branca europeia, fazendo com que um novo modo de produção de arte delegue legitimidade aos saberes vindos de outras fontes e culturas. Baco se alia a contracultura para reconstruir parâmetros e reorganizar os pensamentos que canonizam modos de produção específicos e seletivos.

Para Ken Goffman e Dan Joy (2007), a contracultura consegue promover o questionamento sobre a legitimidade da produção de verdades absolutas hegemônicas:

A contracultura parece ser um desafio à própria noção de história. Para os que se rebelam contra a tradição, os exploradores que buscam novos territórios conceituais e (em alguns casos) os defensores do Eterno Agora, a história parece ser, na melhor das hipóteses, exótica e, na pior, o inimigo... No final das contas, o conceito ocidental de história como uma narrativa continuada, definida basicamente por grandes líderes, estruturas sociais variáveis e as mutáveis fronteiras entre nações-estado antagônicas parece que quase explicitamente projetado para nos amarrar a uma visão hegemônica do potencial (muito limitado) da humanidade. Nesse contexto, o registro histórico conspira para nos convencer de que o domínio de 4 comportamento não-contraculturais, como conformismo e autoritarismo, é o que define a humanidade. Algumas vezes somos tentados a dizer que na verdade, aqueles que recordam a história são condenados a repeti-la. (GOFFMAN; JOY, 2007, p. 45).

Através desta emersão de questionamentos que repensam historicamente os objetivos de expurgação dos modos de existência considerados marginais, Baco procura expandir as percepções de seu público, a fim de dar lugar às novas práticas de vida, arte, leitura e produção de conhecimento.

A mulher apresentada na foto, em seus gestuais, nos inspira para os caminhos da vontade, do prazer, das sensações, das transgressividades e, sem dúvidas, ao apontar para o seu órgão genital, estabelece ali através do seu sexo a presença da dualidade ideológica do casto e do pecador, onde os dois estão presentes. A imagem, para além de seus contextos, convida o leitor ao prazer do íntimo, da presença, da contradança e da transgressão.

As roupas gastas da mulher também indicam a força das trajetórias e caminhos, provocando a reflexão sobre de quem seria o sangue que mancha aquela blusa, estaria ela machucada? Se sim o que a machucou? E porque mesmo machucada ela dança com tanto prazer em meio a tanta gente, que dança de forma semelhante a ela,

como que não houvessem intervenções que os fizessem parar de dançar, não dando importância nem mesmo para a morte que persegue historicamente estes corpos?

Segundo Peter P. Pelbart (2014), as instaurações que promovem novos modos de existência se constroem através das movimentações que os encontros, roçares e colisões das instâncias de vida promovem aos indivíduos, provocando-os a se movimentarem através de suas afecções e percepções de mundo sobre o que se é proposto como modelo de vida, interrogando se o modo de existência que lhes é imposto supre uma perspectiva que beneficie os ensejos que os desejos individuais impõem a estes corpos:

O desafio vital que se coloca a cada um de nós, pois, não é emergir do nada, numa criação ex nihilo, mas atravessar uma espécie de caos original e escolher, através de mil e um encontros, proposições do ser, o que assimilamos e o que rejeitamos (PELBART, 2014, p. 251).

É através destas movimentações que a mulher fotografada se encontra. Talvez ela esteja dançando com a morte e durante esta dança simplesmente produz poderio de vida o suficiente para que nem mesmo a instauração da morte para com o seu corpo preto, promovida pelos sistemas *necropolítico*, dê conta de matá-la ou enfraquecê-la.

A mulher se instaura junto à morte explorando um novo lugar para se estar e viver, que através de um modo de existência movido pela leveza do carnaval e pelo prazer da liberdade consegue promover uma pirraça a estes sistemas de controle dos corpos através do estabelecimento de sua presença.

Pirraça essa estendida ao desagrado e ao afastamento pela arte, frente aos sistemas *necropolíticos* que propõem aos corpos controles comportamentais e decide quem deve viver ou morrer, acusando um modelo fixo de vida como pré-requisito para que o indivíduo vista um modo de existência que fortaleça as engrenagens destes sistemas capitalistas, porém a partir do ato de pirraçar cumpre-se um rompimento destes estigmas.

A dança então irá movimentar-se através dos gestos de transgressão, uma alternativa para com o movimento que se é prescrito ao comportamento generalista para um outro lugar de movimentação, que se faz potente pelo cumprimento do desejo e pela potência da pirraça, que exerce o papel da desobediência no auge de sua ação frente ao modelo posto, provendo uma dança ritmada a outras frequências e fluxos de vida.

Figura 2 – Capa da faixa 10 – Imortais e Fatais – Álbum “ESÚ”



Fonte: IMORTAIS..., 2017.

Os movimentos dos corpos pretos regidos pela potência transgressora de Exu põem possibilidades de escape para outras realidades frente às *ordens do discurso* (FOUCAULT, 2012) que pelos sistemas *necropolíticos* (MBEMBE, 2018) se voltam ao poder de matar, esta dança que se fortalece pelos roçares de corpos cansados da lida cotidiana torna-se compartilhada. Logo, os pequenos grupos que acompanham os trios nos carnavais vão se fortalecendo e aumentando de acordo a evolução do trajeto que o bloco carnavalesco vai avançando pelas avenidas, todos os sonhos e vontades em comum seguem em mutirão num sentido de vida e prazer.

Aqui se encontra uma das potências escolhidas por Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo (Baco Exu do *Blues*) para nomear os seus “eus” artísticos. Baco, o Deus grego do vinho, embriaga-se e festeja as artes cênicas em seu modo de existência, entrega-se aos bacanais e inaugura a teatralidade em busca de seu Devir (DELEUZE, 1997): o prazer. Perpassado pelo Deus que defende os prazeres da vida, Baco Exu do Blues instaura em suas produções a valorização do prazer para que se faça viver, seja ele a que caminho se tome, mas que se faça presente e por isso se torne uma pirraça.

Estes estamentos que dançam e buscam o prazer trilham novos caminhos que fogem dos medos e convenções impostos pelas supressões capitalistas e hegemônicas, relegando a reatividade desses corpos transgressivos em favor de instaurações e modos de vida mecanizados e envoltos por estratégias que façam o viver se elevar frente à estas ordens de morte.

Baco utiliza como principal ferramenta a força das diversas formas de viver, assim como a mulher da fotografia tem o carnaval e toda a sua transgressão como o ápice de sua pirraça, abastecendo seu corpo à espera do próximo fevereiro, para ela o carnaval se torna uma micropolítica da pirraça.

Estes atos de pirraça, que podem ser individuais e coletivos, estabelecem às subjetividades novas ordens das coisas, que dão lugar e espaço para a simultaneidade da ação de outros mecanismos já instaurados, existentes e que continuarão agindo sobre essas novas maneiras de existir, porém quando se instala um novo modo de vida também se coloca em ação a predominância do poderio dessa existência.

Baco Exu do Blues permite, através de suas obras, a leitura dessas instaurações e propõe que a partir delas sejam criadas novas intervenções de vida como dispositivos para que em prol de uma reexistência criem-se mecanismos que sobressaltem o vigor dessas existências e modos de viver:

Ora, a instauração não se origina de uma fonte única – a vontade, a consciência, o espírito, o corpo, o inconsciente etc. – e hoje diríamos que há múltiplos “dispositivos” de instauração. Assim, cada filosofia, mas também cada religião, ciência, arte, instaura seus seres e, com isso, inaugura um mundo singular, nunca o mesmo: pluralismo ontológico e existencial – multiverso! (PELBART, 2014, p. 250)

Instaurações essas empenhadas na mulher da primeira imagem e nos corpos da segunda fotografia pela força de suas presenças e da ocupação daquele lugar, utilizando a dança e o movimento de seu corpo como necessidade para existir, algo não fixo, mas essencial para que mesmo momentaneamente estes corpos fotografados sigam seus fluxos de vida, seguimentos esses que serão atravessados e atravessarão outras instaurações que movimentarão ou não a necessidade destes corpos que pirraçam e fazem deste ato da dança um dispositivo para que a vida se dê em continuidade.

E é a partir da necessidade de um Devir de transgressão em movimento, que Baco assim como nas fotografias de Mario Cravo Neto, procura repensar essas imagens de transgressão como ressignificações de lugares socialmente marginais e que se desvelam através de circunstâncias e identidades de rebeldia às normas de convivência padrões.

Essas movimentações dão destaque aos sujeitos que buscam desenvolver maneiras próprias de vida através de microcosmos surgidos por meio da exclusão dos

sujeitos subalternizados, não pela mera necessidade de sobreviver, mas pela instauração de afecções e estatutos que irão dar a esses corpos condicionamento para que às avessas de um cânone comportamental da sociedade, a potência e o prazer de viver se façam presentes, por diversas maneiras que espelhadas pela arte concedem novos pontos de vista.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As inquições que o trabalho promove acerca da grandeza produtiva de Baco Exu do *Blues* trazem fortes reflexões acerca das hegemonias discursivas em que somos submetidos, em sentido que se possa expandir os olhares para com os corpos subjugados através de uma arte que refuta apenas estes lugares aos indivíduos que promovem em suas singularidades vigor para a vida, mesmo entre as possibilidades de morte. As propostas artísticas que Baco explora movimentam e libertam os olhos hipnotizados por hegemonias que através de formatos padronizados para se viver controlam a sociedade a partir da eleição de verdades absolutas condescendentes como os sistemas capitalistas.

Tal análise promove o entendimento com o que se pensa ser marginal numa sociedade mecanizada às exclusões, ampliando as percepções de modos de existências diversas, que em prol da vida se instalam sob mecanismos de pirraça para que a partir de micropolíticas possam intensificar a liberdade diante o viver e seus modos.

As obras de Baco refletem a importância da diversidade das esferas culturais e a riqueza que a presença delas proporciona, validando a produção de arte fora de um cânone ou padrão estético. Baco também promove os deslocamentos destas produções relacionando-as para a percepção de experimentalismos inéditos e inexplorados por conta de discursos que consideram certos tipos de produção artística como inferiores.

Baco desenvolve, ainda, o visual de suas obras a partir de mutirões, organizando a estética a partir do agenciamento de talentos pretos em linhas específicas de produção artística, explorando microcosmos e individualidades poéticas, sejam elas através de sonoridades, fotografias, filmagens e *beats*. A vida e a arte se perpetram trazendo para todos os lugares a capacidade de mutirões artísticos para contemplar às subjetividades novas sensações e experiências. Fazendo necessária também a correlação delas com as problemáticas sociais.

Além disso, Baco promove debates através de imagens que provocam os alicerces da cultura cotidiana entranhada em nós pela arte convencional, fazendo com que os olhares se voltem para signos que por estarem ali a todo tempo não vemos mais. Ele pensa o corpo como arte sensorial e sentimental voltando atenção prolongada às imagens ali agenciadas. Através de suas obras percebeu-se a forte preponderância de Exu e das encruzilhadas protegidas por ele, causando enormes esbarros ao alargamento da vida pensada pelas trajetórias e pela força tida no talvez, que se propõe a descoberta de novos caminhos.

REFERÊNCIAS

BACO Exu do Blues. **ESÚ**. Direção: Nansy Silvvs e Scooby. Brasil: 999, 2017. 1 álbum. 32min 05secs. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLEBT36dqW0GIDdmX1LjTYkXByD0ggwbEy> Acesso em: 14 set. 2020.

CRAVO NETO, Mario. **Laróyé**. Salvador: Áries Editora, 2000.
DELEUZE, Giles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs**. Volume 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GOFFMAN, Kem; JOY, Dan. **A contracultura através dos tempos: Do mito de Prometeu à cultura digital**. Rio e Janeiro: Ed. Ediouro, 2007.

IMORTAIS e Fatais. *In*: BACO Exu do Blues. **ESÚ**. Direção: Nansy Silvvs e Scooby. Brasil: 999, 2017. Faixa 10. 4min 37secs. <https://www.youtube.com/watch?v=CcFfnLVnqCk>. Acesso em: 14 set. 2020.

INTRO [part. KL Jay]. *In*: BACO Exu do Blues. **ESÚ**. Direção: Nansy Silvvs e Scooby. Brasil: 999, 2017. Faixa 1. 2min 13secs. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kQyVx8iMtlM>. Acesso em: 14 set. 2020.

MBEMBE, Achille. **Necroplítica**. 3. ed., São Paulo: n-1 edições, 2018. 80p.p.
ORQUESTRA AFRO-SINFÔNICA. Obaluayê. 1957. 1 álbum. 27min 16secs. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YMq87VFabu4>.

PELBART, Peter Pál. Por uma arte de instaurar modos de existência que “não existem”. **Concreta**, v. 4, p. 77-87, 2014.